

TOPONÍMIA

Invocação

Não admira que sendo Padroeira de Guimarães (já o foi de todo o reino), Santa Maria de Guimarães, Nossa Senhora da Oliveira , tenha o seu nome na rua principal do antigo burgo.

Rua de Santa Maria, estreita para os olhos de agora, larga, soalheira, airosa para os tempos antigos. Lageada, sol a refulgir nas pedras, casario a respirar História. É vê-la no correr dos séculos: lavada, atapetada de flores e murta, colchas a engalanarem todas as janelas, bicharia arredada nas procissões, nas visitas régias, nos actos solenes. Entrever nos seus solares o fausto das festas à luz de velas, o luxo dos móveis e baixelas e nas casas onde moraram graves cónegos, as negras vestes e engomadas alvas. Olhar a Casa do Arco, graça e leveza, debruçadas sobre a rua, a ecoarem as infantis passadas da infeliz filha do Conde de Cavaleiros, o monotonia dos atabaques dos pretos do Conde de Azenha, o relinchar dos seus enlouquecidos cavalos. Lembrar as lendas, os factos, a envolverem a rua, armoriada de onde em onde, perfumada de incenso, de miticismo, de alguma dor.

Praça da Nossa Senhora da Oliveira. A árvore a vir de S. Torcato, seca, mirrada, a não pegar. A cruz de pedra, a vir, por promessa, da Normandia, colocada no Pdrão do Salado. E a árvore, num repente, por milagre, a florir, entre o trinar dos passaros, o espanto das gentes. Praça da Oliveira, Praça Maior, alpendrada a todo o redor. Casa da Câmara , cortejos a entrarem e a saírem da sua porta. Ei-los, os da Governança, vestidos de dó, de capas compridas, chapéus de aba virada e plumas negras. Quebram os escudos nos lutos nacionais. Eis O pregoeiro a lançar os éditos , curiosos a juntarem-se a ouvirem as posturas municipais, os brados de guerra, o chamamento para as naus. Eis a multidão, num regozijo, a aclamar D. João IV :

- “ Real! Real ! Temos Rei Português ! “.

Eis o povo, o clero, a nobreza. Debaixo da mesma bandeira, invocam a Senhora da Oliveira na sua marcha contra os exércitos de Napoleão, acompanhados pelos ramos benditos da sua árvore .

Recuamos no tempo : aí vem D, João I ! Agradecido , depois de Aljubarrota, depõe as suas armas, oferece as suas dádivas a Nossa Senhora na Real Colegiada, por ele mandada reconstruir, gótico tempo , encimado por belo janelão.

Sobe-se Santa Maria , passa-se o arco : Largo de Santa Clara, ao rasgar a apagar para sempre a viela do Maçoulas , a aumentar o terreiro das freiras. Lembrança das freirinhas clarissas , das lágrimas da severa clausura, da paz dos extâses divinos, dos pitorescos outeiros, salpicados de engenho. Grandes tachos de assucar, dúzias e dúzias de ovos , doçaria rica a aguar , a fazer sorrir. Extranha frontaria a do convento, agora Câmara Municipal, precioso arquivo no seguimento - o de Alfredo Pimenta - frente à Biblioteca Municipal – a de Raúl Brandão .Largo a dar hoje pelo nome do Cónego José Maria Gomes, Mestre de Meninos, Professor do então Liceu, muito inclinado para “ as luzes do século “.

E a rua de Santa Maria, cantada , descrita, desenhada por muitos entusiastas, , “perdia o seu curso” na rua da Infesta , paralela à do Poço, água de berbotar do fundo da terra. Ia-se para a “ Vila Velha “ , abria-se a largueza dos campos , trepava-se pela rua do Sabugal (haveria sabugueiros ?) esbarrava-se na muralha , saia-se pela Porta da Freira então Santa Cruz.

Infesta, Poço, Sabugal, apertadas pelo casario, expropriadas: Largo do Carmo a surgir. Ali o Conde de Margaride, respeitável figura, a receber na sua casa os Reis, os Bispos, os Politicos. Ali Martins Sarmento, o sábio vimaranense a delinear a sua moradia, a emprestar o seu nome ao novo Largo, crismado em sua honra de Martins Sarmento. No jardim, belas árvores, ramaria a dançar ao vento, lindos chafariz a gotejar de taça em taça, obra de Gonçalo Lopes. Cá está o busto do grande arqueologo; do outro lado o barroco Convento de S. José do Carmo, belíssima talha doirada nos seus altares, hoje Lar de Santa Estefânia. Sobe-se para a colina sagrada? Por enquanto não. Sai-se pela nova artéria, Rua de Agostinho Barbosa, entrada da escola João de Meira? Toma-se outro rumo: Desce-se pela paralela à de Santa Maria; foi Rua do Gado passou a Rua das Trinas.

Fortes, pachorrentos, lindos, os bois da raça barrosã. Carros a chiarem, carregados de milho, de palha, de cestos de uvas, saudosas evocações de outras eras. Em passo travado, lá vai um garrano, esporeado por um cavaleiro, apressado e lesto. As galinhas ciscavam no chão, os porcos vadeavam. O gado, muído e graudo, fazia parte da vida da vila, aparecia em todas as ruas, em todas as travessas. Talvez circulasse mais por esta, a do gado, a deslizar até aos Laranjais. Escolheram-na para fundar nela um Recolhimento.

Protegidas pela Ordem da Trindade, abrigadas dos males do mundo, essas senhoras, as Trinas, devotas mãos a rezarem terços, dão aos poucos o seu nome à rua, recolhida, alegre, azougada, a das Trinas, antiga do Gado, a desembocar nos Laranjais. Foi um pomar carregado, vergado ao peso de sumarentas laranjas? Teria sido? Laranjais ainda o é para todos, este terreiro agraciado com uma linda torre ameada (século XVIII), saudoso dum gracioso Passo e com a sorte de estar pintado em bonitos quadros. Porque o crismaram de Largo 5 de Outubro? Porquê?

Pela Travessa da Senhora Aninhas, amável velhinha, homenageada pelos estudantes, antiga Viela do Pingalho, e deixando para trás o monumento a Alberto Sampaio, monumento bem merecido, mas a destoar do conjunto, volta-se a Santa Clara, regressa-se à Praça da Oliveira.

Da Praça maior, a da Senhora parte a rua dos Açoutados, triste passagem dos condenados aos açoites, por crimes e ofensas, chicotes a lacerarem costas, olhos fechados de envergonhados desertores. Vielazinha sinistra, transformada em viela de D. Miguel, mercê dum grito dum pobre mulher:

“ – Viva o meu Reinho! “

à passagem d’El Rei D. Miguel. A par corria a das Mostardeiras. Findavam na rua dos Pasteleiros por estes habitada. Ambas caíam no extremo da Praça de Santiago, recanto conhecido por Praça do Peixe. De tudo havia, os do mar, trazidos com mil cautelas, os do rio: bogas, salmões, trutas, bárbos, taínhas e eirozes, aos estremeções nos cestos . Ah! A Praça de S. Tiago !

Lenda ou facto histórico ? S. Tiago, o Apóstolo, ao vir evangelisar a Península Ibérica, nos primeiros tempos da cristandade, passou por este local. Erigiu um templo, arrazado no século XIX ; deixou o nome para sempre. Praça S. Tiago, sol a brilhar no corrente das suas casas, florida, viva, regalo para os olhos, cada janela , cada sacada, a convidar ao encanto, ao fascínio do que é bonito. Ao amanhecer, no calor do meio-dia, ao lusco-

fusco, no escuro da noite, na claridade ou nas sombras, a graça percorre esta Praça, em mil cambiantes.

Desta Praça derivam algumas ruas. Chamava-se a primeira, nas lamelas, a rua dos Fornos. Não só os padeiros, mas todos os habitantes, serviam-se deles para cozerem o pão do seu dia a dia. Terminava nos Laranjais, curvava-se a meio da subida, no Terceiro do Mestre-Escola.

Rui Gomes Golias, Mestre-Escola da Real Colegiada, em 1637, ruma a S. Torcato com outras dignidades. Examinam o Corpo Santo. A tentação é forte. Sorrateiro, Rui Gomes, entre as suas vestes, esconde um osso do calcanhar da venerável mumia. Trá-lo a sua capela, ás lamelas. O furto peza-lhe, mais tarde a reliquia é entregue, em procissão, ao Tesouro da Senhora. No palacete de clássicas linhas, armoriado de Peixotos e Leite, vivem depois os Navarro de Andrade – irmãos distintos em diversos campos: no militar, no diplomatico, nas ciências; Enaltecem Guimarães. Terreiro do Mestre – Escola, Largo dos Navarros de Andrade, Lamelas, antiga rua dos, Fornos, a subir, presentemente rua João Lopes de Faria, humilde pesquisador de velhos documentos, inesgotável fonte, ainda não verdadeiramente exaltada, por todos os estudiosos desta cidade.

Espreita-se nas trazeiras da antiga torre de S. Bento (a última a ser demolida), agora Largo Dr. João da Mota Prego, saber voltado para a natureza, dedicado à fauna e à flora. Hesita-se. Ornamentada por uma varanda rotulada das ultimas existentes em Guimarães, outrora vila cerrada por rotulas e gelosias, principia a rua de Val-de-Donas, romantico nome a resistir ao tempo, evocativo de fidalgas damas, remotas, longinquas, as brumas a envolverem-nas no passado, a não deixarem conhece-las no presente.

A segunda rua a desviar da Praça de Santiago, estreita mal dando passagem a um carro, foi cognominada Dr. António da Mota Prego, notável jurisconsulto. Viveu nas suas cercanias, na nobre casa de seu antepassado, Tadeu Luís António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, mecenas vimaranense, iniciador do Palácio de Vila Flor, no Cavalinho arredores da Vila. A rua foi do Espirito Santo, foi da Cadeia, que ali era gradeada e triste, limitada a Judiaria, dobrava-se para poente. Travessa da Cadeia, ali o Serralho, Guêto encoberto, pouco aprofundado no seu viver, nos costumes, na integração no quotidiano da vila.

Hesitou-se. Regressa-se à rua João Lopes de Faria, já no fim, a tomar o nome de Gravador Molarinho: - Arnaldo José Nogueira, nascido em 1828, artista de renome, gravador insigne. Nome a continuar, atravessando Santiago a substituir a antiga rua Escura (a do morgadio dos Almeidas (Lindosos)), não menos clara do que outras, designação ainda na boca de muitos.

Partem todas três da Praça de Santiago, tem destino muito diferente. Embrenha-se a da Cadeia na remota Judiaria, acaba Val-de-Donas na Misericórdia; Gravador Molarinho desemboca na Rua da Rainha. Mal deixava a Praça da Oliveira tomava o nome de rua dos Mercadores. Ali se encontravam com suas tendas, o seu mercar. Era um comércio variado lojas abertas, mercadorias expostas nas rua, via frequentada pelos comerciantes, a viverem nos andares por cima das suas lojas. Vendiam-se diferentes tecidos: linhos, damasquilhos, lãs ás varas; compravam-se ferramentas e géneros de primeira necessidade.

Predominavam os ourives, arte em que se excedeu a vila de Guimarães.

Aquietava-se o borburinho na viragem para a rua Escura? Mudava apenas o nome: chamava-se Sapateira, a tomar-lhe a dianteira, a continua-la: o mesmo reboço, diluido nos dias de feira; a multidão a dispersar-se pelos diferentes terreiros. A 17.5.1852 acompanhada pela Familia Real, entra em Guimarães, Sua Majestade a Rainha, a Senhora D. Maria II. Eleva a vila a cidade. A rua dos Mercadores, a da

Sapateira “ guarnecidas e alcatifas de baêta cor de purpura no centro, e pelos lados de ervas odoríferas e as janelas apinhadas de senhoras e adamascadas “, fundem-se desde então, ficam sendo a rua da Rainha D. Maria II, Rainha a passar com bonomia a acenar no seu coche, tirado por belas parelhas, rua orlada por lindos prédios (um deles, o dos Lobos Machado do mais expressivo barroco) por muitas casas a merecerem interesse e que houve quem quisesse cogminá-la da Republica.

Ao deixar Oliveira, recebe, à sua direita a já citada rua Escura, hoje Gravador Molarinho, a que vem da Praça de Santiago. Adiante, esguicham-se duas vielas: a de Serralho e a de Ourado, a levar à Judiaria. Do lado esquerdo, a da Rainha, ver chegar o ultimo troço da de Donães, alumiada da do trabalho da forja.

(Donães... Alguém invocou Dona Nais remota e vaga Dama, o tempo a corromper-lhe o nome. A rua atravessada pela viela do Estorpão, agora João de Melo segue o seu curto caminho até à rua Nova): do mesmo lado espreita a viela de S. Crispim, caiada e humilde, antiga lembrança dos Mestres sapateiros João e Pedro Baihião, fundadores do albergue em 1315 em honra de S. Crispim e S. Crispiniano, antes da Rainha expandir-se um bocadinho na quase esquecida Feira do Leite a dar lugar à Tulha.

Rua da Tulha, crismada de Dr. Avelino Germano: casa do Contraste do Oiro, miolos excondido pelo casario representado por uma reconstruída Torre, a dos Almadás. Tulha a deslizar para a travessa da Ferraria, a desaguar no Largo do Retiro ou do Ourado, pitoresco sítio, a chorar a saudade da Casa da Secagem dos Couros. Eirado do Forno! Torce pela viela do Retiro, cai recatadamente na rua Nova; quanto à Tulha, essa irrompe pelo Largo da Feira do Pão.

No fim da Rua da Rainha, um desafoço: o Largo da Misericórdia. Tem lindos edifícios: a Casa dos Carvalhos, a Igreja a fachada da Santa Casa , a Fonte comemorativa do Reino Unido do Portugal e Brasil, o Paço construído por um Arcebispo, Primáz das Espanhas, amuado com a sua Sé. Para o seu desabrochar demoliu-se a rua dos Ferreiros, arrasou-se a rua das Flores, a da fidalga Torre dos Mirandas, Morgados do Parto Suposto . Para o alargar , ofereceram os seus moradores, rocios e quintais à Misericórdia.

DepoisLembrar Gonçalo Lopes de Amorim e outros com seus artifíces, a britarem a pedra, a esculpi-la, a curvá-la no Pátio da Misericórdia, na sua Casa e Igreja.Imaginar a fila de doentes, de miseráveis, a socorrerem-se do hospital, da Botica, os mortos indigentes a sepultar, toda a benemerência de muitos séculos. Recordar as deslumbrantes festas de Tadeu Luis António, as suas célebres Academias, as tochas a iluminarem o Largo, o pão atirado das suas janelas ao povo. E vislumbrar o Largo em 1934, todo Guimarães a enaltecer João Franco, político a defender sempre os interesses desta cidade, grata terra que lhe inaugura um momento e dá o seu nome à linda Praça.

Enfia-se então pela viela da Arrochela (dizem ter sido um cavaleiro francês , companheiro do Conde D. Henrique), ergue-se a cabeça para ver os passadiços (os únicos que restam na cidade). Estreita viela , queixosa no passado dos maus cheiros dos dejectos do Hospital , travessa a empurrar a Muralha, em busca de sol e luz.

Chega-se à Feira do Pão, Largo da Condessa do Juncal, esmoler senhora, a deixar muitos bens à Caridade. Onde a rua dos Açougues, o Largo de S. Paio, o Rocio e o Recolhimento do Anjo ? Miolo enovelado , demolido (também o foi a Igreja) para dar expansão ao Largo ; os toponimos ficaram na recordação. Alargou-se o velho recinto da Feira do Pão , ageitou-se num canto o Largo A . L. de Carvalho, estudioso de remotos mesteres. Conservou-se a Rua do Anjo, vestígios da Muralha a espreitar e um troço da rua de Alcobaça. Sem descer as Escadinhas, entra-se directamente na Rua Nova.

Rua Nova do Muro. Muro a ampará-la, a ajudá-la na secagem das roupas, a estender a vista, desfrutar da Feira, aquecer-se no frio; bastava trepá-lo. Tendas a instalarem-se, lojas a aparecerem, Rua Nova do Muro a passar a Rua Nova do Comércio. Rua Nova, alimentada por pequenas vielas, abençoada por um oratório, enfeitada por casas. Rua Nova, envolvida na lenda de ter sido pousada de Egas Muniz, crismada com o seu nome. Numa das suas mais belas moradias, muito bem recuperada, fixa-se o Gabinete responsável por todo o Centro Histórico. Está quase a findar a reatea de encanto, a acompanhar-nos nesta curta digressão.

Saiu-se pela Senhora da Guia. Postigio da Guia, Largo da Senhora da Guia. Tem capelinha de doirado altar barroco ; dá entrada para o Museu : uma jóia de Arte , uma grande reserva da História, do Passado e de Beleza – o de Alberto Sampaio, a quem o Museu foi dedicado. Sonhou-o Alfredo Guimarães, abriu-o em 1928. Lembrando o seu mérito, a dedicação na salvação de tanta preciosidade, o seu nome, numa placa, suplanta a do Largo da Senhora da Guia, a continuar, como todas as antigas designações, viva na boca e memória das gentes.

Tudo isto era circundado e defendido pela Muralha e Torres. Vamos tentar esboçar o que foram, descrever as suas cercanias e também ouvi-las rolar na trite queda, pedra a pedra em lastimosa ruína.

Pelo Postigo da Guia, em 1385, entraram , sorradeiras as hostes do Mestre de Aviz. Guimarães e seu Alcaíde, Aires Gomes da Silva, estavam por Castela. Por Portugal estavam os homens que entravam. Graças ao “temerário ardil “ de Afonso Lourenço de Carvalho, ocupam a “ Vila Baixa “ , Torre da Senhora da Guia, a testemunhar , impertubavel, a façanha.

Subia a Muralha para a Vila Velha (a do Castelo). Passava a Torre dos Cães. Ia até à Porta da Freiria e Torre de Santa Cruz. Durante muito tempo –séculos? – acompanhava-a a Rua dos Triguais, envolvida pelas Hortas, aos poucos cortadas pelos os arruamentos : o do Portêlo , a dar entrada (hoje rua Dr. José Sampaio), a prosseguir pela Rua da Costa, o das Hortas do Prior, a Travessa do Fraga (alargada baptisada de Rua Abade de Tagilde), o do Poço, todos nas Hortas, memoraveis pela frescura, assinaladas no século XVIII pelo sóbrio palacete do Conselheiro Felgueiras, um fogo vingativo a lambê-lo em 1838 e hoje atravessadas pela Avenida dos Combatentes. E mais artérias, rumo à Costa, caminho da Pupa.

A Torre da Senhora da Guia, pedra cobiçada pelos Reverendos Cónegos da Oliveira, disputada pela Câmara desde os finais de setecentos, desmorona-se, como a dos Cães , a da Freiria. Acabada em grandes blocos, em pedra britada, para as obras da Colegiada, para calçamento das ruas, para outras construções. Trigais acima abre-se a Avenida Alberto Sampaio, mantem-se a Muralha, enterrada nos seus três primeiros metros de altura, para suavizar o declive da subida. Onde era a Torre dos Cães, ao virar para a nova rua de Nun`Alvares , uma grosseira fantasia : imitaram uma porta, demoliram cerca de 30 metros da Muralha, quiseram insinuar ter sido ali o princípio da Muralha transversal, a dividir as duas vilas : a da Senhora e a do Castelo.

Na Muralha transversal , a da Porta de Santa Bárbara (onde começava ?), dizem terem estacado as forças do Mestre de Aviz. Combateram junto aos seus muros, num apertado cerco. Venceram , a bem de Portugal. D. João ordena a arrazar desses muros a dividirem as duas vilas. Guimarães fica uma só, livre e unida, sem peias, a estender-se aos pés do Castelo

Ao finalizar a Avenida Alberto Sampaio , abre-se a bela Praça da Mumadona. Estátua ao meio, moderna obra, arejada, aberta, bonita a venerar aquela poderosa senhora do século IX, fundadora de Guimarães. Esta-se frente ao Palácio da Justiça, construído em 1960, feliz arquitectura bem enquadrada na Praça.

Já se avistam os Paços dos >Duques de Bragança, controverso restauro a principiar em 1933, lindos salões bem mobilados, gótica capela, continuo deslizar de visitantes em admirativo silêncio. Entra-se na Colina Sagrada: pela rua Conde D. Henrique.

A Colina Sagrada! Os Paços, a estatua do primeiro Rei, a românica Igreja de S. Miguel, a capelinha de Santa Cruz, realçados pelo aprazível Parque, a colina verde, em doces montículos a ladear os monumentos. Remata-a o Castelo. O Castelo pode-se repetir: “Patria na força das pedras no desenrolar dos séculos, na imensidade da Raça “. E continuar: “ ... À volta, no interior, em cada pedra a História. Cercado em 1128 por Afonso VII de Leão para obrigar seu primo o Infante D. Afonso Henriques a prestar-lhe vassalagem; cerco levantado sob a palavra de Egas Moniz, o que partirá, barço ao pescoço fiel ao juramento dado. As portas, a abrirem-se jubilosas a acolherem a 24.6.1120 as tropas vitoriosas da Batalha de S. Mamede, à frente o primeiro Rei português, para trás, em torno até aos campos de S. Torcato a glória da peleja onde nasceu Portugal. Muralhas a resistirem, por El Rei Lavrador D. Dinis contra o filho em discordia. Corajosos muros a aguentarem em 1369 o cerco de Henrique II o Trastámara, o vingador das incursões de D. Fernando à Galiza, a fome, os engenhos, os pedregulhos lançados por catapultas. Pedras manchadas por seu alcaide, bandeado em 1385 com os castelhanos, cercados durante 2 meses pelas forças de D. João I, a subirem pelas muralhas em escadas duplas, indiferentes ao pez a escorrer dos adarves, às pedras a acertarem em cheio, aos gritos dos que caíem e morrem...”.

O Castelo de Guimarães. Foi prisão, foi paiol, engalanou-se nas Festas Centenárias e, sobre ele, pairou em 1836 a inacreditável ameaça da completa destruição para se calcetarem as ruas. A vida regorgitava à sua volta. Ruas: a de S. João do Castelo, a de S. Cruz, a de Santa Bárbara, as vielas de Santa Margarida e a dos Quarteis, os Largos do mesmo nome, todos se foram, já não existem, perdida a sua lembrança, entre o verde a circundar os Monumentos.

Atraz ficam as ruas da Rainha Dona Teresa, da Rainha Dona Mafalda, o Cano de Baixo, o Cano de Cima, o Largo do Cano, o das Gafas, de sinistra memória, agora campo de S. Mamede, evocativo de glórias. Terreiro enobrecido pela casa dos Marqueses de Lindoso, sombreado de árvores, dominado pelo Castelo em beleza e ainda não há muito colorido pelas típicas Freiras e desde há anos protegido pela Igreja de S. Dâmaso. A Rua de S. Torcato e da Arcela, ambas antigas, serpenteiam por estas paragens. Pelo lado oposto, retorna-se à Rua Conde D. Henrique.

Junto à demolida Porta da Garrida, conhecida, desde 1666 por Porta de Santo António, fundaram um Convento os Padres da Piedade. Para o edificarem, avançaram para as Muralhas, então já quase pedras soltas, ali à mão, num descabro. Floresceu o Convento dos Capuchos em virtude e bons exemplos. Na Igreja destaca-se o mimo da primorosa sacristia. Arrematado em meados do século desanove pela Santa Casa, passou então a Hospital. Assim serviu largos anos.

Saindo, à direita, eram terras do Capitão Farrapo. “Pela Salubridade dos ares“, depois da proibição dos enterros nas Igrejas e Capelas, aqui se instalou o Campo Santo, hoje Rua Dr. Joaquim de Meira, muito ilustre médico, família vimaranense de remotas raízes, pai do Dr. João de Meira, um dos notáveis de Guimarães no raiar do século XX. Se agora se tomar a Rua Capitão Alfredo Guimarães, afastando-se do circuito das Muralhas, depara-se outro cenário, ao andar uma centena de metros: a nova Universidade. Funcional, comunga com a paisagem, alegra-a, sem chocar ao olhos saudosos. Foi um instante, volta-se à Joaquim de Meira. Vai-se descer.

Descer, descia-se bem. Penosa era a subida dos Palheiros, artéria com casas duma só banda, arrimando-se umas às outras, o pitoresco a esconder-lhes a ruína.

Gáudio do rapazio a enxamear a rua, viam-se gaiolas em quase todas as varandas ; pobres avezinhas presas com armadilhas, triste e variada passarada, a fazer ouvir entre o rumor dos vários ofícios dos seus moradores , os pios, os trinados e os arrulhos das encarceradas aves. Donde a donde vislumbravam-se restos da Muralha. Eram os Palheiros , remodelados como Avenida do Engº Duarte Pacheco, agora Avenida Humberto Delgado, menos ingreme no subir, ladeada por moradias. Leva ao Largo Navaros de Andrade, mais uma fonte a chapinhar ao meio.

Apresentam-se três caminhos : pela Rua Gil Vicente (a das varandas em ferro), pela típica Rua de Stª Luzia, a de Francisco Agra, político dedicado ao bem da sua terra, espreitada pela viela dos Bimbais, e a dar à Capelinha, à Rua do Rei do Pegú, vimaranense a reinar em longinquo país e logo adiante ao rio, agora encanado, desfeita a sua ponte, silenciado para sempre o bater da roupa nas pedras do tanque. Depois duma pausa , toma-se o terceiro caminho : seque-se pela Rua Stº António.

A pausa. Para fechar os olhos, para não ver. Foi a ultima torre a ser demolida : a de S. Bento , também conhecida por Senhora da Graça. Em 1835 ainda estava em pé. Ruiu depois. Intacta, aí ficou a Muralha. Em 1984 (!) , arrazaram-na as máquinas, e a sólidas casas e um palacete deitados abaixo, novo edifício levantado. Desvia-se a vista. Nas montras da Rua de Stº António, no seu elegante comércio, pode-se fixá-la com gosto.

Devia ter tido uma estalagem. A do Mata-Diabos, homem que se imagina a atender os fregueses, numa correria, o vinho a saltar das infusas, a palha para as cansadas cavalgadas a revoltar, sujas camas à espera dos hóspedes, moídos das jornadas, a descontraiem-se numa barulhenta e renhida bisca. Tomou-lhe a rua o nome, mas alindando-se, despida de muita rudeza, passou a chamar-se rua da Fonte Nova, a água a jorrar ao meio, numa alegre fonte. Em 1873, circunspecta a grave, debruada por interessantes prédios, crismam-na por decreto de Rua Nova de Santo António.

Como se quer ver o Toural? Como um campo onde se corriam touros e em dias festivos se exibiam cavaleiros nos torneios? Ou, recuando ainda mais, ver os homens do Príncipe D. Afonso, rebelado contra El.Rei D. Diniz, seu pai, a subirem pelos telhados do Convento de S. Domingos, então adossado ao muro e a escalarem as Muralhas, penetrando na vila ? (Não tardou a sanção real : a destruição do convento para renascer mais além). Como “ um rexió plaino quadrado a confrontar com o muro da muralha ficando-lhe de cada lado sua torre alta junto ao mesmo muro e no meio hu grande chafariz e hu passadiço a modo de cais alevantado ao longo do muro com escadas a todo comprimento que descem para o dito rexió com assentos de pedra pegados ao muro e continuados “ ? Tudo a fazer “ um deliciozo aspecto “: todos os sábados, nas feiras, vistosas teias de linho e estopa estendidas pelas escadarias abaixo.

Prefere-se assistir ao tapamento das alpendradas do lado oeste, à sua demolição em meados de setecentos ? Ou imaginar a alegria dos negociantes, arrazada a Torre da Senhora da Piedade (Porta da Vila) E O Postigo da Porta Nova, ao encostarem à Muralha as suas novas residências ? Ergueram-nas, quase a findar o século XVIII, sujeitas ao risco chegado de Lisboa, pintando-as de amarelo limão.

Também podem vir à lembrança as invasões francesas : a inacabada Igreja de S. Pedro a servir de cavalaria aos invasores ou então uma madrugada de 1869, o fogo a reduzir a cinzas o lado norte da Praça. E uma série de imagens de tempos mais chegados : o jardim gradeado com suas árvores e lago : à volta a cruzarem-se as carruagens e os cabriolés, todo calcetado com pedras brancas e pretas, onome das batalhas do primeiro Rei escritas com arte ; em 1934 a estátua de D. Afonso Henriques a ocupar o centro. A cavaqueira a estender-se pelos seus cafés e comércio. Agora, já sem a estátua, quase mortos os cafés, a guardar, benza-o Deus, o seu aspecto, assim o

temos : movimentado, rodeado de Bancos, atordoado por altifalantes nos períodos eleitorais, refrescado por um bem cuidado jardim.

Do Toural saíam diversas ruas : a de Santo António, a da Porta da Vila, (por onde entrou D. João I, a levar ao Largo da Feira do Pão, que esbarrava na Igreja de S. Paio, demolida em 1915. Paralela à de Stº António corre a de Paio Galvão. É ali a Sociedade Martins Sarmento, fundada em 1891 e desde então, a chama viva, atçada incansavelmente pelos seus dirigentes, de toda a cultura em Guimarães. As suas instalações (a fachada é de Marque da Silva) ocupam também dependências do antigo Convento de S. Domingos. Pela rua que as acompanha, a de S. Domingos, desce-se então do Toural.

A rua de S. Domingos, antigamente rua de Entre-Regatoa, Rua dos Gatos, agora Rua D. João I por ser parte do percurso deste Rei na romagem à Senhora da Oliveira, exige com seus monumentos : a Igreja de S. Domingos, gótico templo de portal barroco, o edifício da Ordem Terceira, diversas casas e o frágil e bonito Padrão de D. João I, comemorativo da visita real, um detalhado recorrido. Atravessa-a a rua D. Bento Cardoso, que foi rua Travessa das Dominicás, convento das mesmas devotas freirinhas, hoje Igreja Paroquial. Finda a rua Travessa. Descem-se as Molianas, agora rua da Liberdade? Sobe-se antes a Rua de Camões, que foi rua Nova das Oliveiras e tem o encanto das mais lindas varandas da cidade, trabalhadas e torneadas, salpicam a rua de cor e alegria. Volta-se de novo ao Toural.

Querendo encurtar o caminho, desvia-se, ao chegar às Lages do Toural, pela rua de Traz-os-Oleiros, modernamente Travessa de Camões. Amesquinhada pela falta do Passadiço, a unir em tempos os seus dois lados, contorna a destoante Caixa Geral, e desemboca no que resta da rua do Guardal, Largo de S. Sebastião, de há muito desfeito; rematava o Toural. Admira-se o que resta das Torres a circundarem a vila, a da Alfandega, e espreita-se o Largo Moreira de Sá donde partem três ruas : a da Madrôa, a da Caldeiroa a ir para os Cães da pedra e a Avenida D. Afonso Henriques, a romper pelo Cavalinho e Vila Flor. (Repara-se no Palácio e seus Jardins). Do Largo de S. Sebastião, seu adro e Igreja, nada ficou, só fotografias. Entre esse espaço a o pano da Muralha abre-se o Jardim de S. Francisco.

A toponímia ao redor desse agradável Passeio Público sofreu, como muitos outros sítios, mudanças ao sabor das modas e acontecimentos. Mas, não foi só a toponímia. Ia o Jardim até à rua de S. Dâmaso, onde estava essa Igreja, transferida quando da destruição da rua. Desmantelada pela furia do camartelo, arrasaram-na e a algumas curiosas vielas e recantos : a viela do mesmo nome, a do Quintal, velhas casas seiscentistas. Alargou-se o Jardim.

Do lado esquerdo, as casas encostadas à Muralha, passou a chamar-se Alameda Salazar, avidamente depois do 25 de Abril crismada Alameda da Resistência ao Fascismo, os prédios nos mil cambiantes dos seus azulejos. E o jardim de S. Francisco, bem tratado como todos os jardins de Guimarães, no alinhamento do lado direito, debruça-se sobre o Largo do Trovador, ex da rua de Couros. Adiante era o Largo das Carvalhas, o vento a agitar as folhas. Também se foi. E temos a Igreja de S. Francisco. Magestosa, gótica na ábside e portal, dourada em glória e azulejada no interior. Cercam-na, respeitosamente, os edifícios da Ordem Terceira de S. Francisco com seu claustro e capela. De longe, de perto, é tudo bonito. Há porém uma dúvida a avolumar-se, quase uma certeza. Nas cercanias da Igreja, a sombra a projectar-se sobre a ábside, levantam um prédio... Passa-se pela viela de Soalhães, que de característica só tem o nome, olha-se a Rua da Ramada. Entra-se no Campo da Feira.

Face à Senhora da Guia, termina a romagem à cintura das antigas Muralhas, alargada por voltas e contra voltas. Respira-se no Campo da Feira, Largo da República

do Brasil. Lindos canteiros floridos conforme as estações, convidam os pinceis e telas. Ao fundo, a Igreja dos Santos Passos , a ultima das obras de André Soares, cantor do Minho na pedra e na arte. Além estão o Convento das Capuchinhas, Oficinas de S. José, a varanda de balaustres do Colégio de Vila Pouca, a Rua das Pretas e a Calçada das Capuchas, o desfraldar das histórias vividas e contadas. E na Avenida Velha que é também, Avenida D. João IV um bonito portal armoriado e a saudade das grandes arvores , deitadas abaixo sem piedade.

Evoca-se uma zona da Cidade, prestes a ser recuperada , a do Rio de Couros. Descia-se pela Rua e S. Francisco. Palpitavam de vida as Ruas de Além Rio, a dos 120(Depois Largo do Cidade , homenagem a esse rico negociante) e a rua de Vila Verde . Corria o Rio de Couros, avermelhado pelo sangue, tinto pelas anilinas. Ia-se até ao Relho (Vila Flor), atravessavam-se campos. Sentia-se o cheiro doentio dos pelames, via-se a força bruta dos sussurradores, os unicos a levarem sós, alçada nas Procissões a grande Cruz de Prata. Nos tanques , nas lagaretas , no engraxadoiro, as peles limpavam-se , curtiam-se tudo trabalhava. Ao deslocar-se a industria para outros sítios, adormeceram os seus tanques e armazéns. Quase sem vida, aguardaram . Testemunhas dum labor impregnado na história de Guimarães, merecem bem os esforços agora feitos para os recuperar.

“Ressureição “, bemvinda e necessária na Cruz da Pedra, lembrança de antigas olarias, cantarinhas de noivado a sairem dos seus fornos, torno a moldar o barro, mãos de artistas a trabalharem-no. No extremo oposto da cidade, no alto da Conceição a mais linda Capelinha Barroca. Pequena jóia de talha , de azulejos, perddida a candura dos seus arredores, clama uma atenção, um restauro que a deixe brilhar em toda a sua muita beleza.

Ficam por dizer, por murmurar, tantos topónimos, ainda na boca do povo, a designarem ruas e lugares : Calçada, Benlhe-vai, Vaca Negra, Pombais, Lameiras, Traz-Gaia, Senhor dos Perdois, quantos mais. E os nomes de escritores, de grandes homens, de diversos sucessos , alastram pela Cidade Nova , como alastrou Guimarães, a estender-se, muitas vezes, sem olhar a valores , à paisagem , a toda a riqueza do seu património.

Ao atirar uma pedra à água nascem os círculos, cada vez maiores, , até se esbaterem . Aproveitam-se estes respingos para louvar tudo quanto de bom se tem feito na conservação do belo e tem sido muito, e para fechar, como se principiou esta grande volta. A Santa Maria de Guimarães, Senhora da Oliveira, rua donde se partiu, pede-se-lhe, depois de correr as ruas, as praças, as quelhas, que inspire os vimaranenses a cuidarem bem da sua cidade, como implora o passado, como exige o futuro.

(Maria Adelaide Morais)

